



**Relatório do Grupo Central do
Fórum Consultivo sobre a reunião
realizada em 25 de setembro de 2012**

1. O Grupo Central, presidido pela Sr.^a Amy Karpel, dos EUA, reuniu-se em Londres em 25 de setembro de 2012, pela segunda vez durante a vigência do Acordo Internacional do Café (AIC) de 2007.

Item 1: Adoção da ordem do dia

2. O Grupo adotou o projeto de ordem do dia que figura no documento CG-3/12 Rev. 1.

Item 2: Apresentações

3. A Presidente discorreu sobre o mandato do Grupo Central e os resultados dos dois primeiros Fóruns Consultivos. O Grupo deu as boas-vindas aos quatro assessores designados pelo Conselho para setembro de 2012 e para 2012/13 e aos especialistas em gestão de risco e financiamento que participavam do Grupo pela primeira vez: Sr. Marc Sadler, Banco Mundial; Sr.^a Noemí Pérez, Aliança Financeira para o Comércio Sustentável (FAST); Sr. Silas Brasileiro, Conselho Nacional do Café (CNC), Brasil; e Sr. Nicolas Tamari, Sucafina SA.

4. O Grupo notou o interesse dos assessores e dos especialistas por questões como a consolidação de experiências globais com o que funcionava ou não funcionava na esfera do café; quais eram os problemas e soluções; e a aplicabilidade das lições aprendidas ao setor cafeeiro. Outros riscos para a produção, como os ligados a pestes e manejo do solo, eram tão importantes como a gestão de risco *per se* e afetavam todos os participantes da cadeia. Era importante ter uma visão ampla da gestão de risco. Fizera-se muita pesquisa no passado, e a chave não consistia em reinventar a roda, mas em cuidar da implementação eficaz e tornar acessível aos agricultores o que o Fórum pudesse oferecer. Existia interesse

em desenvolver meios práticos de melhorar o acesso a financiamento, trabalhar com informações disponíveis nos países e criar instrumentos que permitissem aos governos compartilhá-las com as instituições financeiras e suprir lacunas. Outro desafio consistia em descobrir por que motivos, para os produtores, era tão difícil acessar instrumentos de gestão de risco e, então, identificar maneiras de melhorar o acesso. Outras questões eram a volatilidade dos preços causada pela atividade dos fundos de investimento, que dificultava o acesso dos produtores ao mercado, e a complexidade do mercado. Deveria estudar-se o preparo de propostas que capacitassem os produtores a entender como o mercado funciona, como acessá-lo e como examinar meios de melhorar a liquidez dos instrumentos de gestão de risco, das opções de venda em especial. Deveria considerar-se como as famílias de baixa renda geriam riscos e cuidavam de necessidades em nível familiar, para permitir que a energia dos produtores se mantivesse concentrada em seu produto. Finalmente, o Grupo deu as boas-vindas a vários oradores de Fóruns anteriores e tomou nota de um convite aos Membros a participarem da Conferência da Associação para a Ciência e a Informação sobre o Café (ASIC) na Costa Rica e constatarem em primeira mão as pesquisas feitas nesta área.

Item 3: 2.º Fórum Consultivo

5. O Grupo notou que o 2.º Fórum, em março de 2012 (ver documento CF-2/12), constituía uma excelente oportunidade para discutir, de forma colaborativa, os temas da gestão de risco e do financiamento no setor cafeeiro. Os cafeicultores precisavam de acesso a gestão de risco e a financiamento, para ajudá-los a continuar a produzir café de qualidade. Outros participantes da cadeia da oferta precisavam de um abastecimento confiável de café de qualidade. Havia oportunidade de os produtores e os demais participantes da cadeia da oferta, juntos, tratarem dessas duas necessidades, e no longo prazo seria benéfico desenvolver elos mais fortes para enfrentar as questões que elas envolvem. As instituições financeiras precisavam entender as necessidades dos cafeicultores, para poder oferecer os instrumentos mais aptos para ajudá-los, e os cafeicultores precisavam entender o que as instituições financeiras podiam e não podiam oferecer.

Item 4: Desafios do financiamento e da gestão de risco

6. Os seguintes pontos foram suscitados na discussão dos desafios relacionados com financiamento ou gestão de risco que os produtores – os pequenos, em particular – enfrentam, e de estratégias ou programas potencialmente eficazes para enfrentá-los.

Financiamento e gestão de risco em termos amplos e da perspectiva da cadeia da oferta

- Gestão de risco e financiamento costumam ser altamente prioritários, mas os cafeicultores enfrentam outras limitações, como acesso a insumos, posse da terra e infraestrutura. Uma visão holística de todos os riscos que eles correm é necessária. A gestão de risco não deve ser enfrentada isoladamente, mas entre outras questões, como boas práticas em sustentabilidade ou pestes, acesso aos mercados, competitividade, certificação, etc.
- Financiamento e sustentabilidade estão intimamente relacionados. Deveria incluir-se a sustentabilidade na discussão do acesso a financiamento e gestão de risco.
- É preciso examinar financiamento da perspectiva da cadeia da oferta, pois há riscos em toda a cadeia, não apenas na fase da produção.
- O setor tem um interesse manifesto em melhorar o rendimento e a qualidade, e o trabalho com os pequenos cafeicultores, em um espaço pré-competitivo, é a melhor maneira de alcançar esses objetivos.
- É preciso criar confiança entre produtores e o setor financeiro. A Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) tem tido sucesso em projetos que reúnem vários participantes da cadeia da oferta em workshops da cadeia para compartilhar informações e criar confiança.
- Instituições agrícolas e financeiras, comerciantes, produtores e outros participantes da cadeia da oferta poderiam ser reunidos para assegurar a disponibilização de financiamento para insumos de produção e outras necessidades.

Relações entre financiamento, custos de produção e produtividade

- Os países enfrentam diferentes situações e estão em diferentes níveis de desenvolvimento. A questão da produtividade é importante, pois o rendimento médio pode variar de cinco a mais de 25 sacas por hectare. É essencial elevar a produtividade e o rendimento; não basta introduzir financiamento e gestão de risco.
- O acesso a financiamento é essencial para a capacidade dos produtores de melhorar o rendimento, por exemplo, através de financiamento e renovação das lavouras. Uma cooperativa na Guatemala que conseguiu acesso a financiamento também conseguiu aumentos significativos de rendimento entre seus Membros. Para aumentar a competitividade e as receitas dos cafeicultores é preciso elevar a produtividade e o rendimento médio mínimo de suas lavouras.
- A compreensão dos custos de produção é essencial. Os cafeicultores que compreendem seus custos de produção e como reduzi-los têm melhores condições de aumentar o rendimento de suas lavouras e de pagar seus empréstimos.

Conhecimentos e educação

- Conhecimentos são a chave, e diferem de informações. Conhecimentos são informações compreensíveis, acessíveis e transmitidas de modo prático. Um elemento-chave em sua transmissão é o treinamento eficaz de treinadores locais que trabalhem diretamente com produtores e associações, como nos esquemas de capacitação do Banco Mundial apoiados pelos Governos da Suíça e dos Países Baixos, em que pessoas locais foram treinadas em gestão de risco dos preços e agora treinam outras pessoas localmente.
- A educação financeira é um componente-chave da expansão do acesso dos produtores a financiamento. Os cafeicultores precisam de ajuda para compreender fatores como seus custos de produção, investimentos que podem levar a melhor produtividade, instrumentos financeiros disponíveis para satisfazer a suas necessidades, critérios para obter empréstimos, condições de pagamento, etc.
- Devido a fatores culturais, os produtores frequentemente tendem a não ver os benefícios de se proteger dos riscos ligados à volatilidade dos preços. Mais empenho é necessário para explicar aos produtores os custos e benefícios das estratégias e instrumentos de mitigação de riscos. Os governos poderiam ajudá-los, desenvolvendo programas e incentivos que levem a sua participação em estratégias de gestão de risco, como nos programas do Brasil que incentivam os agricultores a fazer seguros contra a volatilidade dos preços. As instituições financeiras dispõem de sistemas sofisticados, mas os pequenos produtores precisariam poder acessar instrumentos de gestão financeira e de risco através de sistemas descomplicados. Educação e informações em linguagem acessível são necessárias para ajudar os cafeicultores a entender o mercado e os diferentes produtos e mecanismos financeiros à sua disposição.
- Os governos podem trabalhar com as cooperativas e os produtores para ajudá-los a melhorar a qualidade e obter bons preços por seu café, como constatado no programa operado pelo Quênia, que inclui o uso de telefones celulares para divulgar informações sobre preços aos produtores.

Acesso limitado a financiamento e a instrumentos de gestão de risco

- Frequentemente, financiamento e gestão de risco estão disponíveis ao processador, mas não ao produtor. É preciso dar mais atenção aos meios de expandir o acesso dos produtores a crédito e gestão de risco.
- Os pequenos cafeicultores não têm acesso a instrumentos de gestão de risco e financeiros; não contando com financiamento agrícola, eles recorrem a microfinanciamento, cujos custos e riscos são altos, expondo-os à possibilidade de perder suas terras quando eles não podem pagar o empréstimo contraído.

- Microfinanciamento é disponível ao setor, embora nem sempre seja barato, mas não substitui o financiamento agrícola.
- Os prêmios de seguros costumam ser altos demais para os pequenos cafeicultores, mas os custos poderiam baixar se os volumes de vendas aumentassem. É preciso incentivar mais agentes a oferecer esta opção.
- O financiamento comercial de curto prazo e sazonal é mais acessível que o financiamento de médio ou longo prazo necessário para o replantio e outros investimentos de capital. Frequentemente a única fonte de financiamento para a renovação das lavouras é o setor governamental. A falta de financiamento para investimentos de médio ou longo prazo se deve, em parte, ao fato de que as instituições de empréstimo não compreendem os riscos e as necessidades que há. No caso do replantio, por exemplo, crédito deveria ser concedido por um mínimo de sete anos, enquanto em outros casos um ano poderia bastar para que os cafeicultores não caiam em débito.
- O descumprimento de contratos, quando ocorre, não se deve à vontade dos produtores, mas à volatilidade dos preços. Quando eles contraem empréstimos com base na hipótese de que os preços vão subir e os preços caem, os produtores não conseguem pagar os empréstimos.

Educando as instituições financeiras sobre o setor cafeeiro

- Mais poderia ser feito para disponibilizar informações acessíveis aos bancos e entidades comerciais, para ajudá-los a entender melhor as necessidades dos cafeicultores, o propósito do financiamento de que a cafeicultura precisa (por exemplo, para a temporada, para a renovação dos cafezais ou para outros investimentos) e a variedade dos riscos existentes (por exemplo, preços, mas também pragas, clima, etc.). Isso permitiria a essas instituições financeiras desenvolver produtos específicos e serviços amoldados a necessidades e riscos específicos. A FAST está trabalhando nesta área e examinou diversos modelos, alguns dos quais funcionam melhor em alguns países que em outros. A tecnologia também tem seu papel neste contexto; a FAST, por exemplo, cita o trabalho que ela tem feito na Costa Rica para, usando tecnologia, facilitar o acesso das instituições financeiras a informações sobre o setor cafeeiro.

Outros pontos

- Menor risco leva a menores taxas de juros e, portanto, se o risco puder ser reduzido, o crédito a juros mais baixos se torna disponível. As garantias de renda para os produtores são uma das melhores formas de reduzir o risco, mas são caras e sua

oferta é limitada. Um desafio importante é o de determinar como atrair agentes dispostos a fornecê-las.

- É importante examinar o papel dos governos: qual é seu papel e como eles poderiam servir de catalisadores na ampliação do acesso a esquemas de gestão de risco.
- Questões como sustentabilidade, rastreabilidade e a cadeia de valor poderiam ser focalizadas em uma reunião futura.
- O movimento cooperativo desempenha um papel valioso, ajudando os pequenos cafeicultores a negociar bons preços para insumos e acessar microfinanciamento e informações. A Aliança Cooperativa Internacional (ACI) poderia incentivar os países onde há poucas cooperativas a desenvolvê-las.
- Mostrar aos cafeicultores que o uso de diferentes métodos no cultivo de diversos produtos básicos levava a bons resultados finais e poderia ser útil para o café.

7. *Papel da OIC*

- A OIC poderia ajudar a enfrentar os desafios do financiamento e da gestão de risco de três modos distintos: 1) divulgando conhecimentos e funcionando como conduto para a transmissão de informações a quem precise delas, inclusive na forma de pacotes que as tornem aplicáveis e compreensíveis para os produtores; 2) proporcionando um fórum em que se identifiquem e discutam desafios e soluções e apresentando-o como um pacote que seja prático para os cafeicultores; e 3) continuando a desenvolver conhecimentos (em contraste com informações).
- O papel da OIC difere do de outras agências: fazer recomendações aos governos sobre políticas de financiamento e gestão de risco que possam ser implementadas em benefício do setor cafeeiro. Soluções podem ser desenvolvidas no curto e no médio prazo.
- A OIC poderia identificar elementos que criem maior a confiança entre produtores e instituições financeiras, para mitigar o risco e expandir o acesso a crédito – por exemplo, assistência técnica aos produtores quanto ao que é necessário para obter empréstimos, concentração em uma perspectiva da cadeia da oferta, exame dos custos de produção, rastreabilidade do financiamento, etc.
- As melhores práticas globais em gestão de risco em diversos tipos de produção poderiam ser avaliadas, e uma tipologia simples de melhores práticas poderia ser desenvolvida, com base no tamanho das propriedades agrícolas, rendimentos e sistemas de produção, focalizando grupos distintos: governos, interesses comerciais e produtores. A OIC poderia estabelecer uma parceria com o Banco Mundial para desenvolver esta tipologia.

- A OIC poderia ajudar a estudar e calcular os custos de produção.
- A OIC poderia fazer estudos sobre o acesso a financiamento para determinar os níveis e tipos de financiamento acessíveis aos produtores, a distância existente entre o que é necessário e o que está disponível, e as instituições financeiras que concedem financiamento a diferentes participantes. Estas informações poderiam ser divulgadas a produtores, governos, instituições financeiras e outros.
- A OIC poderia fazer um estudo de iniciativas existentes, como, por exemplo, as que o Brasil, o México e a Costa Rica compartilharam durante o 2.º Fórum Consultivo sobre Financiamento do Setor Cafeeiro, para ajudar os cafeicultores a acessar gestão de risco e financiamento. O estudo poderia disponibilizar informações mais detalhadas sobre os custos do desenvolvimento e manutenção dessas iniciativas, as instituições necessárias para desenvolvê-las, e as medidas práticas necessárias para replicá-las em outros países; deveria também examinar até que ponto essas iniciativas são induzidas pela escala da produção nos respectivos países e por outros fatores.
- A OIC poderia expandir seu papel e atuar como câmara de compensação de informações sobre financiamento e gestão de risco no setor cafeeiro – por exemplo, sobre projetos empreendidos por agências de desenvolvimento e outros para melhorar o acesso dos cafeicultores a financiamento e gestão de risco. O site atual poderia ser aprimorado para disponibilizar informações de fácil utilização sobre o que esteja acontecendo e links para outras fontes de informação e trabalho nesta área.
- A OIC poderia disponibilizar informações sobre a cadeia de valor do café em diferentes países e cooperar com o Banco Mundial, a USAID e outras organizações na realização de workshops de capacitação para os pequenos cafeicultores, para que entendam melhor a cadeia de valor, inclusive quanto a limitações e oportunidades; isto, por sua vez, ajudaria o fluxo de financiamento.
- A OIC e os Membros poderiam aproveitar eventos do mundo cafeeiro para partilhar conhecimentos sobre questões de financiamento e gestão de risco. Por exemplo, o Chefe de Operações da OIC e a Presidente do Fórum Consultivo participaram de um evento sobre acesso a financiamento da Sustainable Harvest, que se realizou em Portland em paralelo com a Conferência Anual da Specialty Coffee Association of America (SCAA) e proporcionou uma oportunidade de inteirar vários fundos de investimento social, entidades comerciais e outras instituições das atividades do Fórum Consultivo.

Item 5: 3.º Fórum Consultivo sobre Financiamento do Setor Cafeeiro

8. O Grupo notou que o Brasil sediaria as reuniões do 50.^a aniversário em setembro de 2013. Seria uma excelente oportunidade para um país produtor sediar o próximo Fórum e incluir participantes da cadeia da oferta nas discussões. Esperava-se que as instalações de conferência possibilitassem a realização de um Fórum em um formato mais flexível, incluindo, por exemplo, mesas-redondas ou grupos de discussão.

9. Na discussão deste item, sugeriu-se que um formato diferente fosse usado no próximo Fórum: um modelo de solução de problemas em campos de forças. Pequenos grupos de discussão poderiam identificar forças impulsionadoras e limitadoras e soluções práticas para um problema amplo. O representante da National Coffee Association of USA (NCA) se ofereceu para facilitar as discussões. Os Membros notaram a necessidade de resultados práticos, incluindo prioridades e informações relevantes e acessíveis para diferentes grupos. Também se sugeriu que um conjunto de metas de curto, médio e longo prazo fosse definido. No caso do próximo Fórum, uma meta de curto prazo poderia incluir o fornecimento de informações sobre as ferramentas atuais. A OIC poderia colaborar com outros parceiros, como, por exemplo, na área de divulgação, desenvolvendo uma estratégia de divulgação aplicável ao trabalho de iniciativas como a FAST.

10. O Grupo identificou dois resultados concretos aos quais visar no 3.º Fórum: i) uma tipologia de melhores práticas voltada para os governos, setor comercial e produtores, respectivamente e ii) uma declaração enunciando prioridades e recomendações. Com respeito ao primeiro, o Grupo decidiu aceitar a oferta do Banco Mundial de trabalhar com os Membros para desenvolver uma tipologia de melhores práticas globais sobre financiamento e gestão de risco agrícola pertinentes ao café, recorrendo a suas experiências e a ferramentas e iniciativas existentes. Essa tipologia seria apresentada em diferentes formatos e linguagem para satisfazer às necessidades dos grupos visados (governos, setor comercial e produtores). O Banco Mundial e a OIC precisariam trabalhar juntos no preparo dos termos de referência, neles incluindo aspectos como a estrutura e os grupos visados. O Grupo examinaria o avanço e coletaria informações adicionais dos Membros em sua reunião de março de 2013, a tipologia poderia ser apresentada no 3.º Fórum. Os Membros decidiram trabalhar entre sessões para apresentar informações o quanto antes e assim garantir que o Banco Mundial tivesse em mãos o input necessário para assegurar o sucesso desta iniciativa.

11. Com respeito ao segundo resultado concreto, o Grupo também decidiu que o formato do próximo Fórum deveria incluir um modelo de solução de problemas em campos de forças, capaz de gerar recomendações específicas e identificar prioridades. Os resultados da discussão poderiam ser emitidos na forma de uma declaração da OIC.

O Grupo se prepararia para o 3.º Fórum em sua próxima reunião, na qual se trataria inclusive da identificação de um problema amplo para discussão. O Grupo continuaria a trabalhar entre sessões para garantir o êxito e os resultados práticos das reuniões de março e setembro.

12. O Grupo também notou a utilidade de produzir um rol das atuais fontes e tipos de financiamento e instrumentos de gestão de risco disponíveis no setor cafeeiro, tais como estratégias e iniciativas que visam a facilitar o acesso dos produtores a financiamento e gestão de risco.

13. Finalmente o Grupo tomou nota do documento CG-4/12 Rev. 1, que contém informações para ajudar os Membros a apreciar os preparativos para o 3.º Fórum Consultivo.

Item 6: Divulgação

14. O Grupo decidiu que em sua próxima reunião examinaria meios de divulgar os resultados do Fórum e de posicioná-lo, bem como de desenvolver materiais e fornecer informações de modo mais acessível, através de folhas de dados, recomendações e ideias sobre informações adicionais. Sugeriu-se que um perfil breve ou peça promocional sobre o propósito, benefícios e resultados-chave do Fórum poderia ser preparado para gerar interesse amplo e alargar a participação. A linguagem e o conteúdo do documento poderiam variar, dependendo do público visado – por exemplo, instituições financeiras, organizações de produtores ou governos.

Item 7: Considerações acerca de eventos futuros do Fórum

15. Esta questão continuaria a ser discutida na próxima reunião.

Item 8: Grupo Central

16. O Grupo notou que a reunião fora muito produtiva, e os Membros foram convidados a continuar a apresentar ideias e fazer sugestões para melhorar reuniões futuras.

Item 9: Próximas etapas

17. O Grupo notou que a Presidente apresentaria relatório sobre a reunião ao Conselho.

Item 10: Outros assuntos

Caixa de instrumentos de alfabetização financeira

18. A representante da FAST fez uma apresentação sobre o desenvolvimento do projeto em epígrafe. Uma cópia de sua apresentação está disponível na seção de apresentações técnicas do site da OIC (<http://www.ico.org/presents/1112/core-september-fast.pdf>).

19. Na discussão deste item, o Grupo notou que algumas instituições financeiras impunham condições rigorosas ao acesso a financiamento. Seria útil encontrar meios de ajudá-las a entender e satisfazer às necessidades dos produtores e facilitar esse acesso aos pequenos produtores que não têm condições de preparar planos de negócios. Observou-se que era mais fácil apresentar um pacote de requisitos a uma instituição em nome de diversos produtores e não de apenas um. Quando se inteirassem do potencial para investimentos nesta área, os bancos poderiam desenvolver serviços específicos. Era essencial ter conhecimentos detalhados e localizados sobre os produtores, para poder fazer recomendações. Isto aconteceu na Costa Rica, onde o Governo fora convencido das vantagens de facilitar o acesso tanto dos cafeicultores quanto do país como um todo a crédito de longo prazo para o replantio.

Item 11: Data da próxima reunião

20. O Grupo externou seus agradecimentos aos quatro assessores e aos especialistas presentes à reunião e notou que sua próxima reunião se realizaria durante a 110.^a sessão do Conselho, em Londres, no período de 4 a 8 de março de 2013.